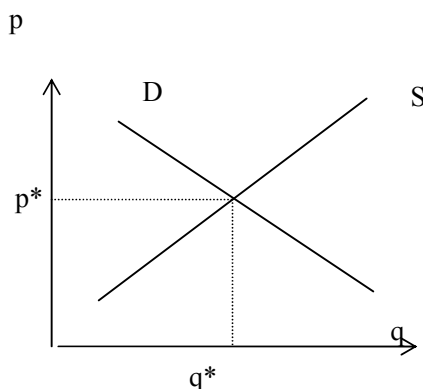


Oferta e Demanda: uma Crítica

*Eleutério F. S. Prado*¹

Para a teoria neoclássica, o preço de mercado resulta da lei da oferta e da demanda. Um gráfico ilustrativo é sempre apresentado para os alunos que começam a apreender Economia Política como ciência positiva, ou seja, Economia.



Dadas as curvas da oferta (aquilo que os produtores desejam ofertar a cada preço possível) e da demanda (aquilo que os demandantes desejam demandar a cada preço possível), têm-se o preço e a quantidade de equilíbrio, ou seja, p^* e q^* .

Ademais, a teoria neoclássica ensina que, se houver excesso de oferta, o preço deve cair e que, se houver excesso de demanda, o preço deve subir, de tal modo que o mercado sempre está em equilíbrio. Apesar da simplicidade, essa apresentação ensina muito sobre a teoria neoclássica. E aqui não será necessário muito mais do que ela já mostra.

O que essa apresentação mostra? Notem-se alguns pontos:

- Que essas curvas decorrem supostamente dos desejos de consumidores e produtores;
- Que esses desejos se realizam no mercado – e, assim, são satisfeitos – por meio do equilíbrio.
- Que o equilíbrio define os preços e as quantidades transacionadas. Ou seja, nessa teoria os preços efetivos, ou seja, aqueles que permitem as trocas, são sempre preços de equilíbrio.
- Que a dinâmica de ajustamento é meramente virtual, pois o esquema explicativo não permite a existência efetiva de trocas fora do equilíbrio.

¹ Professor da USP. Correio eletrônico: eleuter@usp.br; Sítio: [HTTP://eleuterioprado.wordpress.com](http://eleuterioprado.wordpress.com). A nota didática aqui apresentada inspira-se fortemente capítulo X do volume 3 de *O Capital*, mas tem também outras fontes.

Mesmo antes que esse esquema viesse a existir no pensamento econômico, Marx, que conhecia já as suas premissas de raciocínio, mostrou a sua falha capital: “a verdadeira dificuldade na determinação geral dos conceitos de procura e oferta é que eles parecem levar [o pensamento] a uma tautologia”.

Ora, esta tautologia se revela quando se faz a seguinte pergunta: em cada mercado, a oferta e a demanda fixam um preço e uma quantidade, mas porque se tratam justamente desse preço e dessa quantidade – e não outro preço e outra quantidade qualquer? A resposta do economista que só sabe ciência positiva é dizer que este preço e esta quantidade são determinados pela demanda e pela oferta. Ou seja, ele argumenta – se isto pode ser chamado de argumento – em círculos.

Tem-se uma explicação tautológica quanto o fundamento e o fundamentado são os mesmos. Exemplo: Pedro quer ir para a cidade X. Por que Pedro quer ir para a cidade X? Ora, porque Pedro é atraído pela cidade X. Tem-se, portanto, o seguinte: a) fato que busca fundamento (ou fato a ser fundamentado): Pedro quer ir para; b) fato que serve de fundamento: atração sofrida por Pedro. Eis, porém, que “querer ir para” e “ser atraído por” vem a ser exatamente o mesmo sob diferentes palavras.

O mesmo ocorre na explicação do preço e da quantidade pela interação entre oferta e demanda. Fato que busca fundamento: a oferta e a demanda determinam certo preço e certa quantidade. Fato que serve de fundamento para a determinação de certo preço e certa quantidade: a própria força equilibradora da oferta e da demanda.

Pode-se acrescentar aqui que essa afirmação foi corroborada por um crítico liberal da teoria neoclássica, Hayek. Esse autor, em *Economia e conhecimento*, um texto de 1937, escreveu o seguinte:

“Minha polêmica principal consistirá em afirmar que as tautologias, as quais essencialmente compõem a análise de equilíbrio formal, podem ser transformadas em proposições que nos dizem algo sobre a causação no mundo real somente se formos capazes de preencher aquelas proposições formais com conteúdos definidos sobre como o conhecimento é adquirido e comunicado”.

Dito de outro modo, a tautologia só poderia ser justificada segundo esse entendimento se fosse possível explicar como o sistema econômico tende efetivamente para o equilíbrio, ou seja, como ele sairia de posições fora do equilíbrio e se aproximaria do equilíbrio. Ora, isto não é possível na teoria neoclássica porque os preços são definidos pelo equilíbrio – não pode existir troca fora do equilíbrio na teoria neoclássica. É por isso que a teoria neoclássica é apenas capaz de pensar uma dinâmica de ajustamento meramente virtual.

Hayek é um autor importante – na verdade, o mais importante de todo o século XX – da escola austríaca de pensamento econômico. Será que essa escola foi capaz de desenvolver uma teoria da formação de preço melhor ou mesmo alternativa àquela fornecida pela teoria neoclássica? No artigo acima citado, ele confessa que apenas registra críticas e aponta o rumo a ser tomado por essa teoria, mas que ela ainda não foi gerada: “não pretendo sugerir” – diz em certo momento do texto – “que fui muito longe nesses pontos”.

E isto nos leva de novo para a teoria neoclássica para examiná-la mais profundamente. Pois, mesmo a dinâmica de ajustamento virtual da teoria neoclássica é altamente problemática. Representando a formação de preços por meio de um sistema de equações, foi provado que, sob certas condições, existe um preço de equilíbrio. Porém, não foi possível provar que esse equilíbrio é único e nem que a dinâmica de ajustamento leva sempre ao equilíbrio. Ao contrário, foi provado, com base nos próprios axiomas da teoria neoclássica, que não se pode resolver a chamado problema da estabilidade. Isto é, que não se pode garantir que algum equilíbrio seja atingido pela dinâmica que lhe é própria.

Ora, mas assim se tem uma contradição gritante: na teoria que define preço como preço de equilíbrio não é possível provar que o equilíbrio é atingível. Essa inconsistência não é apenas gritante, ela é destrutiva da teoria neoclássica, pois não se pode admitir no campo da ciência uma concepção inconsistente (o que é, desde Aristóteles, um critério mínimo de cientificidade e de racionalidade, o qual, ademais, é aceito enfaticamente pela própria teoria neoclássica).

Pergunto: por que essa teoria continua sendo ensinada e empregada? Mais do que isso, por que continua sendo apresentada como uma boa teoria de preços? Não se pode dizer que os neoclássicos sustentam uma teoria errônea sem o saber (ou seja, que sustentam uma concepção ideológica). Diferentemente, só se pode dizer que eles dão suporte a uma teoria “furada” sabendo que está “furada” (o que vai além da ideologia...).

Digo mais, quem entendeu bem o fetichismo da mercadoria – e o seu reverso, ou seja, a coisificação das pessoas – sabe que não se pode explicar nada no sistema econômico partindo apenas dos agentes econômicos. E é fácil mostrar o porquê.

Fetichismo da mercadoria é a ilusão real que confunde a forma social com a forma natural da mercadoria. Ele surge socialmente de modo inevitável porque o entendimento comum dos homens na prática cotidiana só apreende o caráter sensível da mercadoria quando ela vem a ser algo sensível supra-sensível. Falar em fetichismo da mercadoria é o mesmo que indicar que há um inconsciente social no modo de produção capitalista. É apontar que o elemento central desse processo é a constituição do valor a partir do trabalho, mostrando que esse valor regula cegamente o preço das mercadorias. Ora, o valor não é algo sensível. Diferentemente, ele é algo metafísico que habita o corpo das mercadorias, fazendo delas coisas personificadas.

O reverso do fetichismo vem a ser a coisificação das pessoas, ou seja, a posição dos homens, objetiva e socialmente, como agentes econômicos (consumidores, trabalhadores, capitalistas, etc.). Na teoria econômica (e não só na teoria neoclássica), esses seres sociais, postos cegamente pela economia mercantil, são tomados simplesmente como indivíduos conscientes que buscam o próprio interesse. Com base nisso, ela procura derivar, então, as propriedades do sistema que funciona inconscientemente a partir desses indivíduos. É evidente que ela só pode fracassar.

É possível mostrar de modo elementar que os preços de mercado não podem ser explicados partindo apenas da deliberação consciente desses agentes. Antes de fazê-lo, é preciso fazer uma nota de história do pensamento econômico.

Pois, dizer que o sistema econômico está constituído por um funcionamento socialmente inconsciente não chega a ser uma afirmação crítica. Não se pode atribuir a Marx essa descoberta. Pois, o caráter inconsciente do sistema econômico está implícito na idéia de “mão invisível”, a qual se encontra em autores liberais como Smith, Ricardo, mas também em autores como Hayek, Keynes e outros. O que se deve a Marx é ter mostrado que a base estrutural do modo de produção capitalista vem a ser o travamento de relações sociais entre coisas, o que expõe a natureza do sistema e mostra porque a sua aparência nos engana. Ao apresentar o fetiche da mercadoria, ele mostra também que o capitalismo não é propriamente uma sociedade desencantada, ainda que promova e leve ao limite a racionalidade instrumental.

Depois dessa nota, pode-se mostrar de um modo elementar essa impossibilidade lógica, ou seja, que não se pode derivar propriedades do sistema econômico partindo só dos indivíduos. Na teoria neoclássica padrão, mesmo de livro-texto, busca-se explicar os preços a partir da consciência maximizadora de indivíduos dotados de preferência bem comportadas. Os preços que efetivam as trocas só podem surgir aí quando todas as decisões individuais se tornam consistentes entre si e globalmente.

Ora, quem fica responsável por essa coordenação? Não podem ser os próprios indivíduos, ainda que seja a partir deles que tudo se explica nessa teoria. Surge, então, uma figura mítica, o leiloeiro, que vem realizar a coordenação do mercado. Ora, o leiloeiro – ou qualquer outra alternativa a ele – é apenas outro nome para a mão invisível, ou seja, para o truque que introduz sub-repticiamente na teoria o inconsciente social, representando-o por meio de uma pessoa imaginária ou de um processo teleológico. É assim que a teoria que se enxerga como análise matemática rigorosa cai em contradição!

---oOo---

Os economistas clássicos – e nesse ponto Marx aprendeu com eles – formularam uma teoria de formação de preço que não cai numa tautologia. Justamente por ser uma teoria científica pode estar errada ou certa... No presente momento, porém, é a única que parece ter valor científico. E ela difere num ponto central da teoria neoclássica.

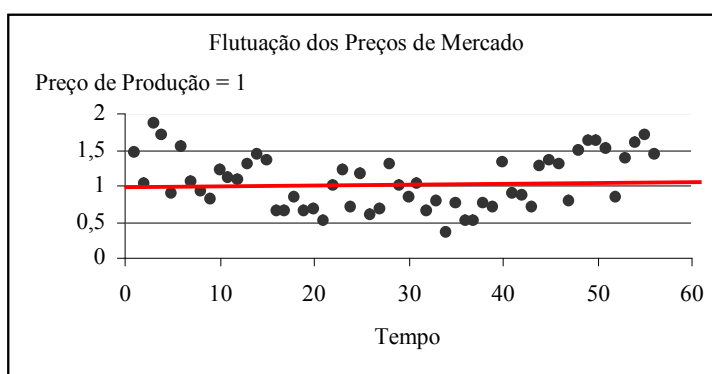
A explanação de preço da teoria neoclássica é dita positiva, ou seja, procura apreender somente o que está posto na aparência do sistema mercantil. Hegel chamava esse tipo de explanação de “parolagem vazia”, “circungirar sem fim” e Marx, de modo congruente com o seu pai intelectual, denominava esse tipo de saber de “ciência vulgar”, ou seja, de saber que apenas quer apreender os nexos externos entre os fenômenos.

Na explanação dos preços, a economia política clássica, diferentemente, foi além da aparência. Na sua concepção, os agentes econômicos também estão presentes: os consumidores e vendedores são responsáveis pela formação dos preços de mercado. Mas o processo sistêmico e inconsciente inerente ao modo de produção não está ausente nessa explanação dos preços: ele aparece nessa teoria por meio do conceito de preço natural. E essa noção reaparece em Marx sob os nomes de “valor de mercado”, “preço de produção” ou ainda “preço de reprodução”.

Às vezes se argumenta que a teoria neoclássica, especialmente em sua versão mais modesta de equilíbrio parcial, tem um grande valor pragmático e que, por isso, não pode ser descartada. Ou

seja, argumenta-se que ela permite fazer ligações entre as variações dos preços e as causas subjacentes que fazem com que os preços se modifiquem. Ora, é evidente que esse tipo de análise também pode ser feita com base na teoria clássica de formação dos preços. Mesmo nesse sentido, portanto, a teoria clássica de formação dos preços não é inferior à teoria neoclássica. Deve-se notar, entretanto, que os economistas clássicos não se interessavam por essa espécie de investigação, pois eles se concentraram em pensar o movimento do sistema econômico no longo prazo.

Segundo essa teoria os preços de mercado flutuam, mas o fazem situando-se em torno dos preços de produção. Supondo que o preço de produção para uma determinada mercadoria é igual ao valor unitário durante certo período de tempo, a formação dos preços de mercado em torno desse preço de produção pode ser assim ilustrada graficamente:



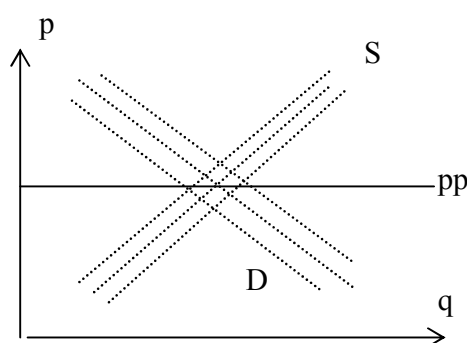
Notem que a média dos preços de mercado nos intervalos (0,15) e (40,55) é, por construção, superior ao preço de produção. Do ponto de vista dos economistas clássicos, isto se explica porque a demanda superou a oferta no momento anterior. Entretanto, como agora a oferta, estimulada pelo aumento da taxa de lucro, passa a superar a demanda, os preços de mercado tenderão a cair em média. Assim, tal como se vê no intervalo (15,40), a média dos preços de mercado torna-se inferior ao preço de produção. Agora, diante do baixo preço, a demanda passa a superar a oferta, fazendo como o preço médio tenda a subir.

A economia política clássica faz distinção entre preços de mercado e preços de produção. Empregando os recursos da matemática atual, os primeiros podem ser tomados como variáveis observáveis que assumem um caráter aleatório. Já os segundos, que não são observáveis enquanto tais, podem ser considerados como variáveis que podem ser inferidas das distribuições observadas dos preços de mercado. Pensando assim é possível não apenas analisar dados empíricos obtidos da observação dos preços nos mais variados tipos de mercados, mas também é possível estudá-los com técnicas estatísticas mais elaboradas.

Na teoria clássica, a oferta depende da taxa de lucro obtida pela venda da mercadoria em relação a taxa de lucro média da economia: $q^s = f(r - r_m)$ com $dq/dr > 0$. Assim, a oferta pode ser escrita como $q^s = f(p - pp) + u$, em que pp é o preço de produção e u é um componente

aleatório $u \wedge N(0, \tau_u)$. A demanda, por outro lado, depende das necessidades em geral, tem também um componente aleatório, mas varia inversamente com o preço: $q^d = f(p - pp) + e$ com $dq/dp < 0$, com $e \wedge N(0, \tau_e)$.

Postos esses elementos, pode-se apresentar o equilíbrio entre oferta e demanda de um modo ilustrativo, abstraindo o tempo histórico do mercado. No gráfico abaixo, a oferta e a demanda são mostradas como zonas em que podem se situar os preços e as quantidades – e não como curvas bem determinadas. É evidente que a partir de um esquema como esse é possível desenvolver toda uma teoria positiva da formação de preços, ou seja, uma teoria que se satisfaz em explicar os preços enquanto fenômenos observáveis.



---oOo---

Ora, torna-se necessário voltar a Marx. Eis que é preciso mostrar agora que mesmo o cumprimento da exigência mencionada por Hayek não é suficiente. Não basta provar que há uma dinâmica conducente ao equilíbrio complementando a prova de que esse equilíbrio existe.

Os estudos da escola neo-ricardiana que se desenvolveram a partir da obra de Sraffa, *Produção de mercadoria por meio de mercadorias*, provaram que é possível pensar os preços naturais como preços de equilíbrio. Nessa teoria, os preços naturais se fixam em valores que são requeridos para que tenha continuidade o processo de reprodução do sistema. Provaram também que é possível associar dinâmicas fora do equilíbrio a tais preços, as quais regulam a formação dos preços de mercado de tal modo que eles flutuam em torno deles tal como fora estabelecido pela formulação original de Smith e Ricardo. A teoria neo-ricardiana dos preços naturais parece dispensar na explicação da formação dos preços o concurso do conceito de forma de valor ou de valor trabalho. Ao fazê-lo, ela naturaliza o social, caindo, por isso, no fetiche das formas mercantis que abrange, em última análise, não só as mercadorias, mas também o dinheiro e o capital.

Para entender o que vem adiante, é preciso ter em mente dois elementos teóricos importantes, os quais serão aqui apresentados sumariamente:

- a) Na teoria marxiana, os valores de uso são considerados incomensuráveis entre si seja objetivamente seja subjetivamente. E, portanto, os preços não podem ser explicados pelo valor de uso.
- b) Na teoria marxiana o preço de produção (ou valor de mercado) está fundado, em última análise e com diversas mediações, na quantidade de trabalho socialmente necessária para a produção da mercadoria.

Para Marx, mostrar que o equilíbrio existe e que ele é atingível é bem insuficiente. É preciso encontrar, em última análise, o fundamento social das formas reificadas. Veja-se o que ele diz sobre isso, argumentando a partir das formas aparentes:

“Se, portanto, a procura e a oferta regulam os preços de mercado, ou antes os desvios dos preços de mercado em relação ao valor de mercado, então, por outro lado, o valor de mercado regula a proporção entre procura e oferta. [Eis que ele] é o centro entorno do qual as flutuações da procura e da oferta fazem oscilar os preços de mercado”.

Apenas quando a média dos preços de mercado coincidissem com o preço de produção da mercadoria é que a oferta e a demanda estariam equilibradas. Nessa situação, o que explica a igualdade entre a oferta e a demanda? “A verdadeira dificuldade” – diz Marx – “consiste em determinar o que se deve entender por coincidência entre procura e oferta”.

Pois, “quando procura e oferta coincidem, elas deixam de atuar, e justamente por isso a mercadoria é vendida por seu valor de mercado [preço de produção]. Quando duas forças atuam igualmente em sentidos opostos, elas se anulam, não atuam exteriormente, e fenômenos que ocorrem nessas condições têm de ser explicados por outras causas e não pela intervenção dessas forças.”

“Quando a procura e a oferta se anulam reciprocamente deixam de explicar qualquer coisa, não atuam sobre o valor de mercado e nos deixam no escuro quanto ao motivo de o valor de mercado se expressar justamente nessa soma de dinheiro e em nenhuma outra. As leis internas reais da produção capitalista não podem evidentemente ser explicadas pela ação recíproca de procura e oferta (...) uma vez que essas leis só aparecem realizadas em sua forma pura quando a procura e a oferta deixam de atuar, isto é, coincidem.”

“A procura e a oferta jamais coincidem, ou, se alguma vez coincidirem, é por mera casualidade; portanto, do ponto de vista científico, deve-se admitir que esse evento como = 0”, ou seja, como um evento que tem probabilidade nula.

“Mas na Economia Política, supõe-se que elas coincidem. Por quê? Para observar os fenômenos na figura que corresponde a sua lei, a seu conceito, isto é, para observá-los independentemente da aparência provocada pelo movimento de oferta e procura. Por outro lado, para descobrir e, de certo modo, fixar a tendência real de seu movimento. Pois as desigualdades são de natureza antagônica, e uma vez que se sucedem continuamente, elas se compensam reciprocamente devido a seus sentidos opostos, a sua contradição.”

“Assim, os preços de mercado que se desviam dos valores de mercado, considerando sua média, se igualam aos valores de mercado, ao se anularem os desvios em relação aos últimos como plus e minus. E essa média não tem apenas importância teórica, mas também prática para o capital cujo investimento é calculado sobre as oscilações e compensações num período de tempo mais ou menos determinado.”

Portanto, “se a procura e a oferta determinam o preço de mercado, por outro lado, o preço de mercado e – levando-se a análise mais longe – o valor de mercado determinam a procura e oferta”, pressupondo-se aqui, evidentemente, as forças produtivas (especificadas nas tecnologias de produção) e as necessidades e os gostos (estabelecidos no processo cultural e histórico).

Em conclusão, observando o estado atual do conhecimento, venho afirmar que rigorosamente só subsiste hoje uma teoria científica da formação de preços: aquela que foi formulada pelos economistas clássicos e que foi aperfeiçoada em alguns pontos por Marx. A contribuição principal desse último autor não se situa, porém, na esfera propriamente dita da teoria econômica, mas na compreensão das formas econômicas como manifestação das relações sociais inerentes ao modo de produção capitalista. Sem essa compreensão, entretanto, a teoria econômica, por mais sofisticada matematicamente que se apresente, falha miseravelmente na tentativa de formular teorias coerentes.